

RESSIGNIFICAÇÃO DE MEMÓRIAS RACISTAS A PARTIR DOS CONSTRUTOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE EDUCACIONAL FORMAL

REFRAMING RACIST MEMORIES FROM THE CONSTRUCTS OF SOCIAL RELATIONS IN THE FORMAL EDUCATIONAL ENVIRONMENT

Luana Lima Bittencourt Silva¹
Maria Salete de Souza Nery²

RESUMO

Este artigo trata-se de um recorte de análise realizada para construção de tese de doutoramento. O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa empírica com jovens discentes de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, de primeiro e último semestre de cinco cursos, tendo como objetivo avaliar os impactos de memórias raciais em suas formações, bem como possíveis processos de ressignificação e fontes deste. Desenvolveu-se, desta forma, um estudo qualitativo baseado em dados coletados a partir de questionários e entrevistas. A análise, por sua vez, foi realizada com base nos estudos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Neste trabalho apresentam-se dados referentes a transformações de perspectivas raciais e a influência dos ambientes educacionais pelos quais estes jovens passaram e as relações sociais que construíram nestes. Como principais resultados, observa-se os ambientes educacionais formais sendo citados como espaços nos quais os discentes vivenciaram muitas experiências racistas, porém local onde tiveram acesso a conhecimento e relações que os fizeram questionar e repensar muitas de suas trajetórias, memórias e aprendizagens, mostrando-se importante espaço para continuidade da luta antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Educação. Memória.

ABSTRACT

This article is an analysis carried out to construct a doctoral thesis. The study was developed based on empirical research with young undergraduate students at the State University of Southwest Bahia, from the first and last semester of five courses, with the objective of evaluating the impacts of racial memories on their training, as well as possible processes of resignification and sources thereof. In this way, a qualitative study was developed based on data collected from questionnaires and interviews. The analysis, in turn, was carried out based on studies by Pierre Bourdieu and Norbert Elias. This work presents data relating to transformations in racial perspectives and the influence of the educational environments these young people went through and the social relationships they built in them. As main results, formal educational environments are cited as spaces in which students experienced many racist experiences,

¹ Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestra em Ensino e Graduada em Administração pela UESB. E-mail: luanna.llb@gmail.com.

² Professora Associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutora em Ciências Sociais e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Possui pós-doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: saletenery@ufrb.edu.br.

but places where they had access to knowledge and relationships that made them question and rethink many of their trajectories, memories and learning, showing- important space for the continuation of the anti-racist struggle.

KEYWORDS: Racism. Education. Memory.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Strey (2002) desde o nascimento os sujeitos são inseridos em um determinado sistema social já existente. Esse sistema social é assimilado aos poucos ao longo de sua vida e implica na formação de conceitos, hábitos e comportamentos. Porém, por ser um ser social, o sujeito será exposto a construir diversas relações sociais no decorrer de sua trajetória e estas relações apresentarão a ele novos valores, ideias e concepções que podem ser adquiridas em detrimento de outros aprendizados incorporados.

Apegando-se à ideia de mutabilidade do *habitus*, entende-se que as construções incorporadas sobre o racismo podem e, comprovadamente, são modificadas através de novas aquisições e pensamentos críticos sobre sua realidade. De acordo com Bourdieu (1989) o *habitus* além de não ser imutável, não é uma cópia pura do que a sociedade, por meio de família, amigos, escola, mídia e outros inserem, apesar de ter grande parte destes introjetada no sujeito. Observando o *habitus* como detentor de subjetividade e objetividade, compreende-se suas particularidades e que estas advêm das experiências, vivências, relações e uma série de outras questões individuais que diferenciam a trajetória de vida do sujeito. Desta forma, todos os sujeitos são passíveis de romper com amarras ideológicas estruturadas socialmente, mas nem todas encontram ao longo do caminho relações e experiências fortes o bastante para subsidiar determinadas mudanças.

Com base nessas premissas, este artigo traz um breve recorte da análise realizada para a construção de tese de doutoramento com base em pesquisa junto a 82 jovens estudantes de graduação do primeiro e último semestre dos cursos de Administração, Ciências Sociais, Comunicação Social e Jornalismo, Direito e História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em Vitória da Conquista no ano de 2022. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual utilizou-se como recursos de coleta de dados questionários e entrevistas pessoais. Neste, diversos jovens citaram a importância das construções de relações nos diversos ambientes sociais para refletirem sobre a sociedade, o sistema e suas próprias identidades, bem como sobre os atravessamentos das memórias raciais em suas formações e ressignificações ao longo da vida.



2 O ESPAÇO EDUCACIONAL FORMAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PERSPECTIVAS RACIAIS

Ao longo do trabalho verificou-se que estes jovens, com idade entre 18 e 30 anos, passaram por inúmeros processos de aprendizagem sobre racismo durante uma longa trajetória de vivências marcantes e desagradáveis, nos quais as construções de relacionamentos foram também as profundas bases que os fizeram viver um despertar social e a questionar muitas de suas escolhas até então. A partir da pesquisa, principalmente por meio das entrevistas, observou-se que os relacionamentos mais citados como pontes para uma nova perspectiva racial são os afetivos, de familiares e círculo de convivência comunitária, de amizade e de grupos culturais. Por sua vez, dentre os ambientes onde esses relacionamentos puderam ser formados ou ter continuidade encontram-se a escola, residências, a universidade e espaços de desenvolvimento de atividades culturais. Ainda, conteúdos digitais dados pela facilidade de acesso também foram citados pelos discentes como fontes para busca por informação e compreensão de questões envolvendo pertença racial e questionamentos sobre a realidade social e as estruturas relacionadas ao tema. Neste artigo, frisa-se a contribuição dos espaços educacionais formais para a reflexão e ressignificação de aprendizados e memórias raciais contidas nos mesmos.

A maioria dos alunos entrevistados informa um período muito parecido de quando começaram a questionar determinadas questões sobre a realidade que estavam experimentando. O início da adolescência é relatado por muitos como traumático tendo em vista a continuidade de experiências racistas e sentimentos de autonegação, sendo a proximidade com o início ou proximidade do início da juventude (15 anos) o ponto de ruptura no qual a maioria cita ter começado a ter experiências e convivências que os empurraram a refletir sobre si. Esse momento é citado como início de transição capilar, entrada em movimentos sociais ou grupos culturais, busca por informação na internet, contato com pessoas de mais idade que já se aceitavam enquanto negras, vislumbre de uma futura inserção na faculdade e outros.

O ambiente escolar foi um dos mais citados para estabelecimento de conexões que os levaram a esses processos, ao mesmo tempo, que é interessante frisar que o ambiente escolar na infância e adolescência também foi o mais citado como instigador da autonegação e do preconceito racial. Neste ponto cabe refletir sobre a possibilidade de a época em que estes jovens estavam na escola de Educação Infantil e Básica ter sido crucial para que essas reflexões pudessem começar a acontecer em idades parecidas, sendo entre o início dos anos 2000 até 2016, tendo em vista a

diferença de idade entre eles. Tendo em vista que os jovens mais velhos citam ter tido processos de amadurecimento mais tardiamente, a hipótese de que os marcos e acontecimentos que se desencadearam nesses anos foi fator influente, é relevante a ser trazido nessa análise.

Enxerga-se os anos 2000 como uma época na qual conseguiu-se muitos avanços no quesito da luta antirracista no Brasil, obviamente devido a toda a construção do movimento negro ao longo do tempo, no quesito legislativo e de abertura de espaços para debate, incluindo escolas, universidades e mídia. No país e no mundo, há marcos significativos que ajudaram a expandir a temática para o cotidiano da sociedade, dentre eles o reconhecimento internacional do Brasil sobre a necessidade de desenvolver políticas afirmativas contra o racismo em 2001; a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPPIR) e Lei 10.639 em 2003; o início da instituição de cotas raciais em universidades brasileiras em 2004; a eleição de Barack Obama como primeiro presidente negro nos Estados Unidos em 2008; a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial no Brasil em 2010; a instituição da reserva de cotas raciais nas instituições federais brasileiras em 2010; a lei de reserva de vagas para negros em concursos públicos no país a partir de 2014; o início do movimento internacional “Black Lives Matter”(tradução: Vidas negras importam) em 2014 após a morte de um cidadão americano negro por policiais brancos – mesmo ocorrido em 2020 com George Floyd; entre outros. É inegável que a repercussão desses acontecimentos gerou debates que se expandiram além das fronteiras do ambiente acadêmico, político e ativista, impactando diversas partes da sociedade.

Salienta-se, ainda, que os anos 2000 também foram ponto para início da expansão da internet no país, chegando a um acesso de em torno de 80% da população em 2011, segundo o Ministério da Ciência e Tecnologia, aumentando a facilidade para aquisição de informação e espaços para interação social, o que, conseqüentemente, também influenciou na maior ampliação do debate racial. Assim, entende-se que esses fatos estão intimamente relacionados com as épocas nas quais os alunos pesquisados inferem ter começado a refletir sobre pertença racial, racismo e outros processos relacionados a estes em seus contextos pessoais e sociais.

Ainda, é importante citar que em 2004 a Rede Globo lançou a primeira protagonista negra de novelas, colocando a atriz Taís Araújo em destaque na emissora. A partir daí, aos poucos outros atores negros conseguiram ganhar destaque em programas da emissora fundada em 1965 e considerada a maior do Brasil, muito também devido à pressão popular e ativista. Não se pode negar que estigmas continuariam aparecendo nos programas, como por exemplo o nome da própria novela “A cor do pecado”, estrelada pela atriz citada. Atualmente, observa-se um cuidado maior

quanto aos discursos raciais nos programas televisivos e o que eles passam, mas tendo em vista seu papel de destaque influente e de alcance nos lares brasileiros, é importante postular isto como um marco da época também, que nos relatos de alguns jovens entrevistados aparecem como pequenas diferenças em suas visões ao ver figuras negras estrelando programas, novelas e filmes, apesar de pela pouca aparição não se recordarem de muitos sujeitos negros tanto quanto percebem hoje nas publicidades e na televisão quando assistem.

Essa apresentação de alguns pontos marcantes no cenário brasileiro serve para elucidar e trazer à reflexão o processo pelo qual se passava no Brasil a respeito da luta contra o racismo e os impactos destes, bem como mudanças sociais e tecnológicas que interferem nos rumos sociais. Observa-se que a influência dos movimentos negros foi essencial para que as mudanças estejam ocorrendo de forma gradativa e mais espaços sejam acessíveis e militantes contra o racismo. Deste modo, ao seguir analisando as falas dos jovens deste estudo faz-se interessante sempre refletir sobre o momento em que se encontrava o país e as possibilidades que esse momento ofertou a estes.

O ano de 2014 é citado como o ano em que a discente Comunicação Social e Jornalismo do primeiro semestre (CJF1) começou a perceber que sua aparência, principalmente no que diz respeito aos cabelos, não combinava mais com sua postura diante da sociedade, suas críticas sociais e suas novas reflexões. O espaço de educação formal foi citado pela discente como tendo sido fonte principal das conexões que a influenciaram a se aceitar e a deixar de se sentir presa a padrões sociais estéticos que antes a faziam se sentir menos estigmatizada nos ambientes. De acordo com a entrevistada, não apenas as aulas, mas as relações sociais que construiu no Instituto Federal da Bahia, em Ilhéus durante o Ensino Médio, foram os motivos mais fortes para repensar seus conceitos e sua autopercepção, mas também a não silenciar por se sentir coagida socialmente devido sua aparência:

Em 2014, depois que eu entrei no IFBA, deixei cachear. Eu não me reconhecia naquela garotinha, sabe de cabelo liso e foi como um processo, um pouco de conhecimento. [...] É algo que eu aprendi quando estudava no IFBA, porque antes eu ficava calada. A gente já não tem um espaço de fala, então tudo bem, tá ok? Não! Tem que falar, tem que incomodar.

No começo, quando iniciei a transição capilar eu ouvi isso de muita gente, porque ele estava muito curtinho, muito, muito, muito curtinho mesmo. Então, só que também eu andava com pessoas que conheci quando eu entrei, foi logo entrei no IFBA, não é? Então eu fiz amizades que me ajudaram a entender melhor as coisas. Hoje em dia são minhas amigas, até hoje são minhas melhores amigas. Nós 3 somos cacheadas. Tanto que perguntavam se nós éramos irmãs. Aí assim uma apoiou a outra (CJF1, 2022).

Elias (1994) tece uma discussão, em seus estudos, sobre a vivência em sociedade e como o sujeito afeta e é afetado por ela ao longo de sua vida através das relações que se estabelecem. O autor cita que a vida social não acontece de forma linearizada e pré-planejada e nesse sentido, sempre haverá pontos de contradições e tensões, apesar de todos estarem em uma ordem social que os impulsiona ao seguimento social. Salienta-se que as memórias sociais transmitidas nas relações existentes na sociedade tendem a afetar todos os que dela fazem parte, mesmo que isto seja de forma mais ou menos direta. Deste modo, romper com padrões que foram ensinados e aprendidos ao longo de muitos anos em diversos ambientes sociais não é um processo simples, o que pode ser comprovado nos relatos que são apresentados neste estudo sobre as vivências raciais e as reflexões sobre o assunto por estes jovens graduandos.

Ao ler este relato, em poucas frases, até parece ter sido simples conseguir se desfazer de tantos comportamentos e sentimentos e adotar novas posturas sabendo o quanto seria analisada e julgada no próprio ambiente em que pôde encontrar pontos de ancoragem para se libertar de amarras sociais tão bem construídas em si. A discente sai de uma escola pública na qual sofreu muito com o racismo, esforça-se para entrar em um instituto de educação federal onde informa ter se deparado com outra realidade no que tange ao nível de possibilidades e descobertas, encontra outras pessoas que se sentem como ela e essas conexões intra e extra-sala de aula oferecem novos horizontes de questionamento e reação à realidade que vinha experimentando. Para chegar ao ponto de optar pela transição e encarar as consequências que esta traria, a discente conta ter ocorrido de forma lenta, mas o apoio no ambiente e das amigas que seguiam o mesmo caminho foram essenciais.

Os processos de descoberta racial indicados pela discente são vistos como lentos, porque aceitar-se como, atualmente, se aceita demorou bastante. A consciência racial não foi algo que conseguiu muito nova, apesar de seus pais a alertarem sobre as barreiras sociais e sobre as dificuldades que enfrentaria. As imagens mostradas como a serem perseguidas como boas não eram as de negros, mas sim de brancos, isso por meio dos espaços de moda, teledramaturgia, livros, brinquedos e outros. Estas imagens a fizeram querer ter cabelos longos e lisos para se sentir bonita e, até mesmo, não ser um incômodo já que na escola seus cabelos eram tidos como forma de atrapalhar os outros alunos a enxergarem as lições no quadro e esta era convidada a se sentar no fundo da sala. Desconstruir essas memórias enquanto moldadoras de sua estética e comportamento e as tornar pontos de reflexão, aceitação e discussão político-social não foi simples, conforme relata.

A redescoberta de si não foi apenas estética, revela ter sido antes de tudo histórica, política e sociológica, para transcender ao processo estético observando suas características enquanto pontos de orgulho, força, beleza e resistência. Assim, conforme vem se desenvolvendo esta discussão, esse relato se faz importante para destacar o papel das relações, do ambiente e da busca por compreensão dos fenômenos sociais enquanto pontes de reconstrução de autoimagem, quebra de paradigmas e mudança do aprendizado incorporado enquanto ideia de *habitus*, conforme estudos de Bourdieu (1983).

Além da discente citada acima, a aluna do curso de Direito do primeiro semestre (DF1), informa que a questão racial começou a atingir bastante devido à sua trajetória de militância dentro de movimentos negros e feministas na escola no Ensino Médio. Suas reflexões sobre a temática racial, segundo ela, partiram de uma busca própria mais aprofundada após conhecer esses grupos. Cabe frisar o encontro da jovem com tais movimentos ter se dado a partir do espaço da educação formal e como este foi importante para a formação deles. Novamente, observando a época em que essa abertura se deu, cita-se o despontar da juventude, atrelado ao Ensino Médio em uma época de grande debate sobre a necessidade da inserção do tema racial nas escolas. Assim, nesses dois casos, entende-se o espaço escolar como primordial para possibilitar uma reestruturação de pensamento social.

Apesar de declarar-se como parda, mas não se entender como negra por ter pele mais clara e o cabelo cacheado, a discente se diz muito ligada às questões raciais, como elas atravessam sua realidade cotidiana e à luta antirracista. A discussão sobre colorismo, no sentido de identificação de pertença racial ou não, tem sido marcante nos últimos tempos. A pertença racial no Brasil é marcada basicamente pelos traços fenotípicos (características físicas) reconhecidos socialmente. Assim, por ter a pele clara e não ter experimentado situações em que notou discriminação para si, a discente infere se sentir duvidosa quanto a se classificar como negra, apesar de em sua ascendência terem pessoas que considera negras.

De todo modo, é importante compreender sua realidade como forma de analisar esse relato também. Assim como a discente de Direito do último semestre (DF2), a discente DF1 é oriunda de família com boas condições financeiras, estudou em escolas particulares durante toda a sua trajetória escolar e optou por um curso de graduação bastante concorrido (isso até pela visão que se tem sobre a advocacia no Brasil como potencial profissão de status e ganho financeiro), não encontrou barreiras limitadoras para optar e investir no que desejavam, nem passaram por situações que conseguiram enxergar como racistas enquanto crianças ou adolescentes. Atualmente, a discente

do curso de Direito do último semestre cita analisar sua vida e perceber que em determinados momentos ela sofreu racismo apesar de parda, mas ela não se dava conta de que isso teria ocorrido. Talvez, o mesmo processo possa ter ocorrido com a discente DF1 e esta, ainda não tenha se dado conta, devido a uma série de questões que podem estar, também ou de alguma forma, envolvidos com uma criação dentro de uma bolha social que amenizava o racismo por suas características negras menos acentuadas ou seu círculo de convivência. Não se quer dizer que melhor condições financeiras inibem as situações racistas, mas em cidades pequenas fazer parte de determinadas famílias é um diferencial para o tratamento recebido por estes, assim como citava a discente DF2 e o discente de história do primeiro semestre (HM1) terem percebido. Por isso, é interessante levantar essa questão para reflexão nesta análise.

Seguindo ainda sobre a reflexão da discente DF1, a mesma relata que a partir desse contato primeiro com os grupos de lutas sociais e raciais pôde adentrar à Universidade com um olhar mais atento às desigualdades e à realidade em seu curso de graduação:

Por exemplo, na minha turma, a turma de Direito tem pouquíssimas pessoas negras. A gente conta assim, em uma mão, nos dedos de uma mão. Então a gente percebe que é um curso ainda muito segregacionista. Eu não diria elitista, porque a maioria dos estudantes da minha turma, eles são, eles vêm de origem humilde, de escola pública. Então acho que já democratizou muito, mas ainda falta muita coisa.

É algo que eu percebo e outra coisa que eu percebo é que, como eu disse, eu tomei posse no centro acadêmico, e de 14 pessoas, nós só temos um negro na composição do centro acadêmico. Isso me chocou. (DF1, 2022)

A UESB é vista, pela aluna, como um espaço que possibilitou ampliar esse processo tanto em sala de aula, quanto nas relações sociais e na visão de processos raciais dentro dos espaços. A possibilidade de aprendizado dentro e fora da sala de aula é alta, principalmente quando se reflete sobre o fato de poder ter novas experiências; conhecer outras pessoas com realidades totalmente diversas da que tinha até o momento; presenciar e participar de discussões sobre temáticas das quais não se prestava atenção; entre outros. O espaço universitário, ainda para muitos, é uma oportunidade de iniciar uma nova jornada em outra cidade, muitas vezes, morando sozinhos, longe de suas redomas de proteção e seus portos seguros, sendo ao mesmo tempo, instigador, desafiador e assustador, como muitos relataram.

Diante dos problemas percebidos na Universidade, as reflexões dos alunos também puderam aumentar, conforme estes mesmos informam. A visão sobre a pouca quantidade de negros não foi restrita apenas ao curso de Direito, conforme citado acima pela discente do primeiro

semestre, mas também no curso de Comunicação Social e Jornalismo pelas alunas de ambos os semestres pesquisados:

Na faculdade, a primeira coisa que observei foi: “Gente, só tem gente branco nessa faculdade.” Meus colegas, melhor assim, tipo na minha sala, poucos negros. E não é um assunto que é falado tanto quanto deveria e quanto eu achei que seria, porque quando eu estava no IFBA, era muito falado (CJF1, 2022).

Principalmente no corpo docente no curso de Jornalismo não têm muitos professores negros. Parando para pensar agora acho que não tem nenhuma aqui que eu me lembre assim. Tem o diretor do centro, ele é negro agora mulher, não tem. Dos meus colegas tem mais pessoas negras, mas tem vezes que você se sente assim: “será que eu seria tratada assim se fosse branca também?” Porque assim, você se esforça, faz o melhor, mas percebe a diferença. É engraçado como essa questão racial atravessa a gente, mesmo na faculdade já (CJF2, 2022).

Mesmo relatando sentir falta de discussões sobre as temáticas raciais nesse início do curso e perceber a pouca quantidade de negros em sala e no corpo docente, o espaço universitário suscitou a reflexão racial e o incômodo que as fizeram questionar a realidade que ainda está sendo experimentada mesmo após tantas lutas para diminuir e, futuramente, acabar com as desigualdades raciais que se observa no Brasil. Então, reafirma-se a importância da universidade enquanto espaço fomentador de discussões e relações sociais para o aprendizado e formação identitária.

De acordo com o que foi coletado nos questionários, a maioria dos discentes, variando entre 70% e 92% a depender do quesito questionado, entendem que a discussão sobre questões sociais, raciais, de consumo, econômicas e políticas na universidade tem importância alta ou altíssima. Esses dados revelam que há uma visão ampla sobre a influência e necessidade de formações que tenham conteúdo interdisciplinar com assuntos sociais e com a realidade vivenciada, voltando-se não apenas ao aspecto técnico e teórico, bem como da importância da universidade para pensar tais temáticas. Enquanto os alunos do curso de Administração são os que mais dizem perceber que o curso tem contribuído para a reflexão sobre questões políticas e a consumo, enquanto os graduandos do curso de Direito são os que mais afirmam perceber discussões sobre questões sociais, econômicas e raciais. Porém, encontrou-se 1% que informou que as discussões raciais não tem nenhuma importância neste ambiente e 3% que disseram não ver relevância na discussão política na graduação, o que ressalta a existência de visões tecnicistas sobre o ensino superior que acabam por excluir a vertente social da educação.

A estudante de História do último semestre (HF2) revela que, apesar de ter crescido num ambiente familiar negro, a visão sobre a temática racial era sobreposta pelo ideal de meritocracia. Infere que o ponto principal para entender sobre negritude e racismo foi mesmo a entrada no

grupo de capoeira, mas fala sobre a importância da universidade para consolidar e ampliar seus pensamentos sobre o tema. Em sua opinião o ambiente universitário abriu portas para olhares mais aguçados, reflexões mais embasadas e novas formas de analisar a realidade.

O discente de História do primeiro semestre, por sua vez, afirma que suas percepções sobre as questões raciais demoraram a ocorrer, muito porque quando criança não entendia o que acontecia e o processo foi complicado. Segundo ele, na escola houve momentos em que a temática racial foi tratada na aula de Sociologia e em datas comemorativas com peças de teatro, mas que não foram as principais fontes de aprendizagem sobre o assunto. De acordo com o aluno, a maturidade oriunda da idade e do acesso a mais informação através da internet o levaram a “fazer uma memória retroativa” e entender o que tinha experimentado, ponto no qual passou a se ver como negro e não mais como moreno, pois essa era uma forma de tentar fugir de sua negritude. Apesar de não dar ênfase na universidade enquanto norteadora de questões raciais, relata que as discussões vistas em sala de aula até o momento têm suscitado a temática racial, mas principalmente voltada para os processos de escravização e a renovação das práticas de racismo ao longo do tempo no Brasil.

A discente CSF1, por outro lado, cita que a mídia teve grande destaque como influenciadora da mudança sobre sua percepção racial:

Eu acho que eu comecei a mudar meu pensamento sobre minha imagem e a imagem do negro quando comecei a ver mudança em colocarem mais negros em propagandas, revistas e coisas de moda. Percebi que teve um avanço e aquilo mexeu comigo. Ainda dói, eu penso em fazer terapia em alguns momentos, mas tento superar. Na época eu não entendia o que estava acontecendo, mas hoje eu tento superar e me aceitar (CSF1, 2022).

Apesar de reafirmar a potência traumática que o racismo teve em sua vida, bem com a própria mídia ao passar toda uma infância sem referências negras que a fizessem construir uma imagem positiva de si mesma, a discente relata como presenciar negros e negras em espaços antes, aparentemente, inacessíveis a tornou mais consciente sobre sua pertença e sobre a importância dessa reflexão sobre seu passado, suas memórias e os motivos de sua exclusão enquanto vítima também e não vilã. Tal relato ressalta a importância da visualização de negros nos diversos espaços sociais, também como forma de demonstrar que o corpo negro é digno de estar em qualquer meio social, fala que serve para refletir sobre a positividade das cotas como forma de impulsionar e acelerar esse processo devido às desigualdades implantadas no país através da violência fundadora e perpetuação classicista que empurrou a população negra às mais diversas dificuldades sociais, econômicas e políticas no Brasil. Salienta-se, também, que a representatividade faz diferença na

formação identitária e na visão sobre si mesmo a partir do vislumbre de seus semelhantes, além de suscitar debates necessários e importantes.

A discente de Administração do último semestre (AF2), a qual declarou-se como branca, relata não ter presenciado muitos eventos racistas em sua trajetória, mas infere a falta que sentiu sobre a temática ter sido tratada no ambiente escolar para ter se atentado ao tema e como ele esteve presente em sua vida:

Eu acho que a partir do início da educação, tem que começar a ser trabalhado isso porque eu nunca tinha ouvido falar sobre isso na minha escola, por exemplo. Eu aprendi isso sozinha, sozinha entre aspas.

Eu fui recebendo as informações e buscando mais sobre. Então acho que a escola é muito importante para a trazer essas questões. E a partir daí é, começa o aluno a pessoa ser mais crítica, não é? (AF2, 2022).

Entende-se aqui que as relações sociais são basilares no processo antirracista, até por que as mesmas também são os pontos focais onde o racismo procura se estabelecer e manter sua rede de ação. A reflexão sobre o racismo pode até parecer se dar por um questionamento individual, mas ele surge de algum contato com outros sujeitos ou pautas criadas por outros sujeitos. Ainda, a reflexão contra o racismo ganha força na coletividade, sendo reforçada no que tange aos malefícios e consequências do racismo para vítimas, agressoras e sujeitos omissos à questão. Por ser um assunto menos incisivo na vida de pessoas brancas, muitas vezes, refletir sobre o tema requererá algum encontro também que desperte a curiosidade sobre situações observadas ou relatadas em algum momento de suas vidas. A inserção do tema interdisciplinarmente nos conteúdos escolares teria sido de grande apoio para esta discente, mas é importante compreender que, como tem se percebido, apesar de ser relatada a falta do processo educacional formal tratar sobre o tema, o ambiente educacional está presente nas memórias dos jovens como locais onde tiveram contato com a temática racial de alguma forma, os incentivando ao questionamento e à busca por informação.

A Universidade não foi citada pelos discentes como o primeiro lugar no qual puderam ter acesso a esse processo de aprendizagem e criticidade, mas figura em todas as falas como importante na continuidade da reflexão por novas relações estabelecidas, conteúdos discutidos e questionamentos sobre a realidade controversa observada no próprio campus. De acordo com a reflexão da discente de Jornalismo do último semestre, houve ampliação de conhecimento e acesso a espaços e relações que complementaram de forma positiva suas opiniões sobre a temática racial na universidade:



Hoje eu consigo me enxergar realmente com uma mulher negra, não é? Eu sei pelo que eu passo. Eu sei tudo que me atravessa hoje em dia não é? E isso eu acho que é muito importante, mas eu acho que foi uma coisa muito tardia na minha vida, não é? Quando eu entrei na universidade que eu comecei a ter mais a mais acesso ainda, eu já tinha, eu já tinha um pouco de consciência antes da universidade. Só que quando eu entrei na universidade assim, parece que foi uma cortina que desceu assim e se abriu de um jeito assim (CJF2, 2022).

A discente CJF2, por exemplo, salienta que as relações sociais que estabeleceu no decorrer da trajetória da estudante passaram a impactar também nas novas relações sociais que buscou ter em sua vida. Relações de amizade construídas na UESB já se deram em busca de encontrar semelhanças físicas, reflexões e vivências raciais também:

Eu conheci uma pessoa na universidade que é a minha, uma das minhas melhores amigas. Ela também é uma pessoa negra. ‘As pobres’, a gente brinca, entre aspas, muito assim. A gente fala que parece que a gente se conhece de outras vidas assim, aí ela fala: “Amiga, eu acho que a gente foi escravo em alguma senzala por aí, porque... rrsr No passado bem distante”.

Porque a gente se identifica muito e a gente consegue compreender muito essa dinâmica, sabe de: “eu estou aqui na universidade porque eu preciso disso, porque a escolha que eu tinha para minha vida, se eu não tivesse aqui...” Sabe aquela história de vencer pelos estudos? Exatamente isso (CJF2, 2022).

A busca pelo semelhante que possa continuar a firmar as bases que outrora foram construídas é também muito citada nas falas dos discentes. De certa forma, o ser humano tem a tendência de apreender o que o ambiente de forma contínua de maneira muito fácil, manter-se firme em uma luta sem apoios, exemplos e reforços positivos é uma tarefa complexa. Assim, nota-se nessa fala duas coisas importantes a serem ressaltadas, a primeira sobre esse encontro que aparece como fortalecedor de ideais e fomentador de novas reflexões sociais e a segunda como a política facilitadora de acesso de classes menos favorecidas economicamente e pessoas negras aparece na configuração para esta conexão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o material coletado para desenvolvimento da tese percebeu-se grande diversidade nas formas pelas quais os jovens entrevistados demonstraram ter despertado para novas compreensões de suas pertencidas raciais, de suas autoimagens e/ou de atos racistas que vivenciaram ou enxergavam como situações comuns do cotidiano social. Porém enxerga-se grande vínculo entre os espaços de educação formal para estabelecimento das relações ou questionamentos e

curiosidades sobre a temática. Entende-se que a educação formal enquanto fornecedor de aparato educativo não configura entre os destaques no que tange ao combate ao racismo, esclarecimento ou reflexão dos alunos nesse quesito, porém não deixa de ser um espaço possibilitador deste, seja pela inserção de conteúdo ou pelo questionamento sobre a falta dele realizado pelos entrevistados no decorrer de suas vidas.

Inicialmente, no desenvolvimento deste estudo, uma das hipóteses era de que a construção de conhecimento na Universidade seria o fator grande impacto para essas reflexões e, até mesmo, mudanças de visões sobre a temática. Porém, ficou bastante nítido que os aprendizados em fontes informais de educação como em grupos sociais, conteúdos digitais, mídia e outros se mostraram mais presentes para a reflexão racial dos discentes que conteúdos curriculares. Apesar disso, é nítida a forte ligação entre os espaços de educação formal, o que representam para estes jovens, as relações e as reflexões que construíram neles para os ajudar a pensar a temática racial sob uma nova perspectiva. Assim, esse espaço foi citado pela maioria, em algum momento, como fomentador de autorreflexões; possibilitador de mudança de vida; criador laços afetivos que foram exemplos e pontos de apoio para discutir e enfrentar o racismo ou; como espaço de reafirmação de concepções já construídas sobre a temática através de outras fontes. Assim, é significativo inferir que estes entrevistados demonstram grande importância da Educação de Nível Superior no processo de amadurecimento e criticidade dos sujeitos.

Sem dúvidas, os encontros e desencontros, as redes de relacionamento e o caminho educacional formal foram pontos de apoio para que os discentes pesquisados encontrassem maneiras de ressignificar vivências, compreender o fenômeno racial em suas realidades, modificar hábitos, repensar atitudes antes naturalizadas que interferiram em suas visões sobre si e sobre os outros. Ainda, cada parte dessa conjuntura de como se deu o aprendizado anterior e o aprendizado novo, ratifica a força das relações e dos debates raciais nos mais diversos campos sociais como aporte para que futuras gerações possam ir, mesmo que aos poucos, acabando ideologias racistas.

Observa-se que as relações que se estabelecem são capazes de informar ao outro um novo mundo de experiências e apresentar-lhe novos olhares. Há na sociedade um contexto multicultural a ser explorado, o qual pode ser intercambiado por meio dessas construções relacionais, as quais tendem, muitas vezes, a estar em ambientes educacionais como os citados. Deste modo, frisa-se a importância do tratamento e abertura para inserção da temática racial no dia a dia dos espaços escolares e universitários como forma ampla de enfrentamento do racismo no país.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Michael Schröter (Org), Vera Ribeiro (Trad). Zahar: Rio de Janeiro – RJ, 1994.

STREY, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Enviado em: 17/01/2024

Aceito em: 29/07/2024